

# BOSSA NOVA Bozinho de Natal

Por A B O

Este mundo é assim mesmo. É impossível a perfeição total. Se as rosas são alegria para os olhos e para o olfato, não-de, necessariamente, nascer entre os espinhos.

Não existe maior delícia que você refestelar-se em sua rede e ouvir musica ou pregar os olhos na televisão.

Mas esse prazer você há de pagar caro. Você terá que sujeitar-se aos berros desafinados da chamada "bossa nova". Eu sei que a "bossa nova" está fazendo sucesso nos Estados Unidos. E é precisamente porisso que me revolto. Essa turma não pode entender a mentalidade dos que vivem em nível de cultura bem superior ao noso.

O que encanta na "bossa nova" os ouvidos norte-americanos e europeus é a autenticidade. E explico.

É muito mais simpática uma negrinha, de pele negra e cabelos negros, que uma pretinha que se metesse a sebo, e tingisse os cabelos de amarelo.

Já imaginou: pele preta e cabelos loiros?... Não seria feio. Seria horrível, porque inautêntico.

A autenticidade dá um encanto especial, mais profundo,

mais espiritual. Tem perfume de sinceridade. Tem jeitinho de localidade.

Ora, nós somos um país sub-desenvolvido. Vivemos num clima de infra-cultura: somos botocudos. Assim é que se pensa lá por cima. Ao ver a sub-musica dos sub-desenvolvidos, os americanos ficam encantados.

É como o canto desengonçado e sem afinação de um menino de três anos. Para os três anos até que está demais! E toda a gente bate palmas:

— "Esse menino promete!..."

Você vai me dizer que não sou crítico de arte. E eu lhe respondo: "Então se os críticos de arte gostam diso, porque essa gente não canta só para eles?... Pra quê atormentar o povo?"

Nem me diga que estou ficando velho, não entendo a juventude.

É precisamente porque já estou velho que quero aproveitar bem o resto de vida que me sobra. Com que direito querem me matar antes do tempo com essa tortura para o ouvido e tristeza para o mais primario bom senso?...

Das recordações da nossa infância na Vila dos outros tempos a que fincou raízes em memória, foi certamente, esta brincadeira: *Bozinho de Natal*.

Por entre barracas da quermesse e do leilão e jogos de toda a espécie o Bozinho divertia, assustava fazendo a multidão, que o acompanhava, explodir em gargalhadas.

Essa brincadeira consistia em boi de fantasia formado por lascas de bambú, uma osada de cabeça bovina, com os chifres, um pano preto para a envoltura do esqueleto. Com as varas fazia-se um corpo longo e arredondado firmando numa extremidade a cabeça do boi e na outra o rabo feito de tiras retorcidas.

Um homem de pequena estatura ficava sob a estrutura Saracoteava, corria, investia sobre o povo, pulava, dançava e punha em constantes sobresaltos a multidão que óra disno e transportava o "animal". persava espavorida ora refluia satisfeita, sorridente. Acompanhava-o um violeiro, com o seu instrumento, cantando quadras num cantoção monótono por vezes, noutras despertando vivo interesse entre o

povo.

A razão dessa diversidade de melodia estava na originalidade do espetáculo: diferia dos demais, tinha um objetivo diverso: era a crítica mordaz, satírica, invectivas contra personalidades do mundo local, político, administrativo, econômico, industrial, educativo, profissões liberais, religiosas, etc. A carca de um, o bigode de outro e os caracteres físicos, afetivos, enfim, todas as manifestações boas( ruins, doses de espírito e frutos da carne, tudo que fosse além do vulgar, do comum dos homens, os senhores promessas (naqueles dias já os havia, infelizmente) tudo, tudo que o que era alvo de crítica, esta recebia brejeira ou mordaz.

O povo ria e comentava e as "vítimas" engrolavam vinganças de ficarem nos Anais.

Quarquê dia tú me paga, canaia... ocê vai vê... Nêsse dia não tem: Mamãe me dói.

Aparentemente apáticos os "homenageados" alheios aos ataques recebidos com ou sem causa, arquitetavam planos de desforra que seriam concretizados no seu devido tempo contra os autores e atores da

gozação desmoralizante e destrutiva.

E as gargalhadas se sucediam; gistes picantes, acerbos ou o bom humor sadio marcava a verve caipira inesgotável, ironicamente respeitosa.

Era o sentimento democrático da crítica, do estrilo, do protesto contra o poder político, econômico, religioso ou filosófico, todo o poder, enfim, usado como agente de opressão, a dano dos mais humildes, do povo em suma.

Acentuando-se o poder estatal e político cresceu o constrangimento e o desrespeito pela opinião contrária. A repressão policial contra tais manifestações populares aumentaram de modo violento. Se houve abuso de crítica não disciplinada também o excesso da reação o foi de igual modo.

Desapareceu o "Bozinho" tempo, de uma liberdade usada irregularmente, abusivamente.

Deploramos os aleijões deformados morais que, eles sim, carecem de imensa piedade.

## Cortório do 1.º Oficio e Registro de Imoveis da Comarca de Santa Bárbara d'Oeste

pelo seu titular

**Cândido Zanata**

e demais auxiliares



sauda a laboriosa população barbarensense, e a todas as suas autoridades, fazendo votos da melhor prosperidade, paz e muitas felicidades.

Sauda o *Jornal d'Oeste*. seus Diretores, redator e demais colaboradores, no ensejo do 15.º aniversário desse prestigioso órgão da imprensa barbarensense,

## I E B A S A

# Telefônica Barbarensense S. A.

Pela sua Diretoria, Gerência e Funcionarios, sauda o vibrante

## JORNAL D'OESTE

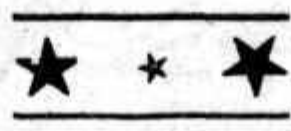
no ensejo de mais um aniversário de lutas, em tórno do ideal comum de pugnar pela grandeza sempre atuante desta querida e estremecida Santa Bárbara d'Oeste

# Cia. Industrial e Agricola de Santa Bárbara S. A.

## USINA DE AÇUCAR E ALCOOL

*Saudamos a valorosa gente de Santa Bárbara d'Oeste e suas forças vivas e nós congratulamos com o vibrante *Jornal d'Oeste* por mais um ano de lutas, defendendo sempre o progresso barbarensense.*

Séde Social  
Praça da República, 180  
Fone, 34-4154 - Caixa Postal 1450  
São Paulo



USINA  
Fazenda São Pedro  
Fone, 1  
Santa Bárbara d'Oeste